

O QUE DIRIAM POPPER E ADORNO SOBRE O MÉTODO DA TEORIA FUNDAMENTADA?

GABRIELA FIGUEIREDO DIAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)
gabrielafigr.dias@gmail.com

ROMULO ANDRADE DE SOUZA NETO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)
romulo_n1@hotmail.com

ANATALIA SARAIVA MARTINS RAMOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)
anatalia@pq.cnpq.br

Introdução

A Teoria Fundamentada (TF) é um método de pesquisa bastante utilizado e criticado pela literatura. Apesar disso, não identificamos estudos que tenham confrontado seus princípios com as lógicas científicas de pensadores clássicos, visando contribuir para sua melhoria. A fim de realizar essa discussão, escolhemos as ideias de Popper e Adorno para comparar com os princípios da TF. A escolha por esses autores se deu pela relevância de suas obras e por apresentarem lógicas científicas contrárias.

Problema de Pesquisa e Objetivo

Face ao exposto, o presente ensaio teórico pretende responder à pergunta: “o que diriam Popper e Adorno sobre o método da Teoria Fundamentada?”. O objetivo deste ensaio teórico é discutir os princípios do método da TF com base nas lógicas científicas de Karl Popper e Theodor Adorno.

Fundamentação Teórica

A principal fundamentação teórica para discutir as lógicas de Popper e Adorno foram os documentos escritos por eles para o debate promovido pelo Congresso da Sociedade de Sociologia Alemã, em 1961 (FREITAG, 1993; POPPER, 1978). Para discutir os princípios da Teoria Fundamentada nos baseamos no livro de Glaser e Strauss (2006).

Metodologia

Ensaio teórico

Análise dos Resultados

A lógica científica da Teoria Fundamentada (indutiva) não está de acordo com o Racionalismo Crítico de Popper (2008), que defende a lógica hipotético-dedutiva. Em virtude dessa diferença, a maior parte do processo da TF não está de acordo com Popper. A origem do conhecimento na TF está de acordo com o Racionalismo Crítico. Quanto à Adorno, o objetivo da TF demonstra afinidade com os fundamentos da sua Dialética. Outro aspecto em comum é a geração de uma teoria substantiva.

Conclusão

Com base nos resultados, acreditamos que Popper reconheceria apenas o problema de pesquisa da TF como científico. O restante do método seria tratado como “equivocada e errônea abordagem metodológica” (POPPER, 1978, p. 17). Quanto à Adorno, acreditamos que ele apoiaria alguns elementos da TF, como a aplicação do pensamento crítico e a criação de teorias à locais específicos. Para pesquisas futuras, sugerimos: identificar os efeitos da revisão da literatura superficial no início da pesquisa.

Referências Bibliográficas

- FREITAG, Barbara. A teoria crítica: ontem e hoje. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- GLASER, B. G.; STRAUSS, A. The discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research. New Brunswick (U.S.A.): Aldine transaction, 2006.
- POPPER, K. R. A lógica das ciências sociais. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1978.
- _____. A lógica da pesquisa científica. ed. 5. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

O QUE DIRIAM POPPER E ADORNO SOBRE O MÉTODO DA TEORIA FUNDAMENTADA?

1. INTRODUÇÃO

Em 1967, dois pesquisadores norte-americanos – Glaser e Strauss (2006) – vindos de escolas com tradições epistemológicas contrárias publicaram um livro propondo um novo método de pesquisa. Sob o nome de “Grounded Theory” – em português “Teoria Fundamentada” (TF) –, o método de Glaser e Strauss (2006) se direcionava ao campo das ciências sociais e propunha um procedimento sistemático de coleta e análise de dados para criar teorias com base em dados empíricos. Ao contrário do que ditava o paradigma positivista dominante na época, a teoria criada por esse método não tinha o objetivo de generalizar ou retratar uma verdade absoluta. Ao invés disso, buscava elucidar os padrões de relacionamento entre atores sociais e como essas interações ativamente construam a realidade em um local (SUDDABY, 2006).

De lá para cá, a Teoria Fundamentada se consagrou como um dos principais métodos da pesquisa qualitativa – é importante destacar que Glaser e Strauss (2006) afirmam que o método não se opõe ao paradigma quantitativo, na verdade, auxilia-o. Nos livros de metodologia da pesquisa, diversos autores têm reconhecido e explicado os procedimentos da Teoria Fundamentada (GODOI; BANDEIRA-DE-MELLO; SILVA, 2006; FLICK, 2009; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013; CRESWELL, 2014). Também nas pesquisas empíricas, estudiosos de diversas áreas tem utilizado o método para compreender fenômenos sociais e gerar novas teorias. A ampla utilização e as diferentes visões epistemológicas dos pesquisadores acarretaram o surgimento de diferentes abordagens do método. Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013), existem, atualmente, três formas de aplicar a Teoria Fundamentada: a sistemática, a emergente e a construtivista.

Apesar do amplo reconhecimento e utilização, os princípios da Teoria Fundamentada têm sido criticados na literatura. Haig (1995) considera que a crítica mais frequente dos pesquisadores é quanto a semelhança do método com o indutivismo Baconiano ingênuo (a ideia de uma ciência ditada pelo império das observações). Mjoset (2005) também identifica críticas relacionadas ao indutivismo extremo e à falta de indicadores que geram o que alguns autores chamaram de “não mais do que a conceitualização” (p. 390). Em meio a essas críticas, não identificamos pesquisas que tenham comparado os princípios da Teoria Fundamentada (e de suas diferentes abordagens) com as ideias de teóricos clássicos da lógica científica para discutir aspectos da sua validação. Consideramos que essa comparação de ideias é relevante pois agrega para o avanço da Teoria Fundamentada e para as discussões sobre metodologia da pesquisa, de forma geral.

A fim de realizar essa discussão, escolhemos as ideias dos filósofos Karl Popper e Theodor Adorno para comparar com os princípios da Teoria Fundamentada. A escolha por esses dois filósofos se deu pela importância de suas visões teóricas e por apresentarem lógicas científicas consideradas contrárias (BARRETO, 2001) – consideramos que isso nos permitirá analisar o método de forma mais ampla. Popper é consagrado como um dos maiores epistemólogos do século 20 e ganhou popularidade com a lógica da Racionalidade Crítica no livro “A Lógica da Pesquisa Científica”, enquanto Adorno é reconhecido como um dos autores mais influentes da Escola de Frankfurt e ganhou popularidade pelo vínculo com a lógica da Teoria Crítica em obras como a “Dialética do esclarecimento” e a “Dialética negativa” (GANEM, 2012). Face ao exposto, o presente ensaio teórico pretende responder à pergunta: “o que diriam Popper e Adorno sobre o método da Teoria Fundamentada?”

A principal fundamentação teórica para discutir as lógicas científicas de Popper e Adorno serão os documentos escritos por eles para o debate promovido pelo Congresso da Sociedade de Sociologia Alemã, em 1961. Esse congresso convidou os dois filósofos para

escreverem sobre suas teses acerca da lógica das ciências sociais e ficou conhecido como o confronto entre o positivismo e a dialética – apesar das queixas de Popper quanto a ser considerado positivista (FREITAG, 1993). Nos documentos escritos, os dois autores apresentam a essência de suas lógicas científicas de forma resumida – motivo que nos levou a adotar essa fundamentação teórica.

2. TEORIA FUNDAMENTADA (TF)

A Teoria Fundamentada (TF) é um método sistemático de coleta e análise de dados. O método foi desenvolvido por Barney Glaser e Anselm Strauss em reação à lógica dedutiva-quantitativa, que predominava na época. Para os autores, essa lógica aprimorava as teorias existentes mas raramente levava à construção de novas teorias. Acreditando que, por meio da lógica indutiva-qualitativa seria possível criar novas teorias, eles desenvolveram um novo método: a Teoria Fundamentada. Para os autores, a TF continuaria a ser testada pela lógica dedutiva-quantitativa. Assim, a ideia deles não era se opor à lógica predominante, mas auxiliá-la (GLASER; STRAUSS, 2006).

A base de Glaser e Strauss para a desenvolver a TF foi, principalmente, a Escola do interacionismo simbólico (GOULDING, 2005). O interacionismo simbólico foi uma escola-chave da sociologia durante 1950 e 1960, quando havia poucas informações sobre o uso de dados qualitativos para conduzir uma pesquisa (GOULDING, 2005). Os pesquisadores dessa escola acreditam que o comportamento dos indivíduos é dirigido à uma meta e evolui por meio dos diversos símbolos verbais e não-verbais que compõem as interações sociais (GOULDING, 2005). Por isso, eles buscam interpretar a essência da realidade empírica por meio dos símbolos produzidos pelos indivíduos engajados na situação (SUDDABY, 2006).

O objetivo da Teoria Fundamentada é “descobrir teorias a partir de dados sistemáticos obtidos em pesquisas sociais” (GLASER; STRAUSS, 2006, p. 2). O seu propósito principal não é fazer declarações verdadeiras e gerais – embora os autores afirmem que é possível –, mas elucidar os padrões de relacionamento entre os indivíduos e como as interações ativamente constroem a realidade naquele local específico (SUDDABY, 2006). Por se aplicar a uma realidade específica, a teoria gerada pela TF é chamada de teoria substantiva. A teoria substantiva se aplica a um contexto particular. Se distingue da teoria formal ou “grand” pois essa tem uma perspectiva maior e generalista (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2014).

Três características fundamentais marcam o método da Teoria Fundamentada: a rejeição do teste de hipóteses, a participação ativa do pesquisador e os procedimentos sistemáticos de coleta e análise dos dados. A primeira característica (rejeição do teste de hipóteses) busca garantir a neutralidade dos resultados da pesquisa. Conforme Suddaby (2006), quando o pesquisador usa a TF para testar noções preconcebidas é provável que ele negligencie o que emerge das observações do ambiente. Assim, o pesquisador deve ir a campo com uma noção básica da literatura teórica, do problema e da metodologia e ir aprofundado os detalhes ao longo do processo de investigação (CRESWELL, 2014).

A segunda característica da Teoria Fundamentada é a participação ativa do pesquisador. Ao contrário do que defende o método científico positivista, a TF considera o pesquisador um elemento ativo do processo de investigação (CRESWELL, 2014). O processo interpretativo da Teoria Fundamentada, por exemplo, depende da sensibilidade crítica do pesquisador a elementos tácitos dos dados e conotações que talvez não estejam aparentes em uma mera leitura superficial. O critério da comparação constante entre coleta e análise depende dessa crítica. Para a TF original de Glaser e Strauss (2006), o pesquisador deve exercer esse papel abstraindo suas preconcepções e estudando o fenômeno em sua essência.

A terceira característica da Teoria Fundamentada – relacionada ao rigor científico – são os procedimentos sistemáticos de coleta e análise dos dados. Glaser e Strauss (2006) definiram alguns procedimentos que deveriam ser realizados pelos pesquisadores que

quisessem desenvolver novas teorias no campo das ciências sociais. Alguns desses procedimentos são: coleta e análise dos dados simultâneas, criação de códigos e categorias a partir dos dados coletados, uso do método comparativo constante, uso da amostragem teórica (escolha dos sujeitos da pesquisa em virtude de sua contribuição para o desenvolvimento da teoria) e revisão teórica aprofundada no final da análise (CHARMAZ, 2006).

Décadas após a primeira publicação do livro de Glaser e Strauss (2006), os princípios fundamentais da TF se mantiveram estáveis. Com o passar do tempo, no entanto, surgiram discordâncias entre Glaser e Strauss quanto ao significado e os procedimentos da Teoria Fundamentada (CRESWELL, 2014). Por essa razão, a parceria entre os autores chegou ao fim. Glaser propôs uma abordagem mais interpretativista da Teoria Fundamentada, focada no processo criativo e no aprofundamento do pesquisador nos dados a fim de fazer com que a teoria emergja deles (JACOBUS; SOUZA; BITENCOURT, 2012). A abordagem de Glaser da Teoria Fundamentada é chamada por Sampieri, Collado e Lucio (2014) de emergente.

Strauss, por sua vez, se reuniu com outro pesquisador – Corbin – para desenvolver uma abordagem mais “positivista” da Teoria Fundamentada (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2012). Segundo Jacobus, Souza e Bitencourt (2012), Strauss e Corbin desenvolveram um sistema altamente complexo de codificação, delineado para conduzir o pesquisador ao longo de todo o processo de pesquisa. Para Charmaz (2006), essa sistematização deslocou o método da Teoria Fundamentada da descoberta para a verificação de teorias. A abordagem de Strauss e Corbin da Teoria Fundamentada é chamada por Sampieri, Collado e Lucio (2014) de sistemática.

Além dessas duas abordagens, uma ex-orientanda de Glaser – Charmaz (2006) – propôs, recentemente, uma terceira abordagem da Teoria Fundamentada. A abordagem de Charmaz considera que a percepção do pesquisador faz parte daquilo que é observado e questiona a capacidade do pesquisador abstrair suas preconcepções. A abordagem dela ainda critica o procedimento sistemático de análise, o uso de diagramas e de mapas conceituais afirmando que eles minimizam a Teoria Fundamentada e representam uma tentativa de ganhar poder em seu uso. Essa abordagem da Teoria Fundamentada é chamada por Sampieri, Collado e Lucio (2014) de construtivista.

3. O DEBATE ACERCA DA LÓGICA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Em 1961, a Escola de Frankfurt promoveu um debate entre duas grandes referências teóricas do século 20, Karl Popper e Theodor Adorno. O evento tinha como objetivo promover uma discussão sobre os fundamentos epistemológicos das ciências sociais (FREITAG, 1986). Apesar das várias queixas de Popper quanto ao fato dos membros da Escola de Frankfurt o considerarem positivista, o evento ficou conhecido como o embate entre o positivismo e a dialética (BARRETO, 2001).

A fim de confrontar os princípios das lógicas de Popper e de Adorno com os da Teoria Fundamentada, nas próximas subseções apresentaremos a essência das lógicas científicas dos dois pensadores, bem como, o conteúdo dos trabalhos que foram enviados por eles ao evento.

3.1. O RACIONALISMO CRÍTICO DE KARL POPPER

O racionalismo crítico de Popper (2008) refuta o uso da lógica indutiva para gerar conhecimento científico. Para o autor, a pesquisa indutiva sempre investiga um número limitado de casos e, por isso, seus resultados não criam enunciados universais. Ele exemplifica isso com o caso dos cisnes brancos: “independente de quantos cisnes brancos possamos observar, isso não justifica a conclusão de que todos os cisnes são brancos” (p. 28). Assim, acreditando que jamais um pesquisador esgotará todos os casos de um fenômeno, Popper (2008) defende que a ciência se dá apenas por uma lógica: a hipotético-dedutiva.

Para Popper (2008), a criação do conhecimento científico segue a lógica hipotético-dedutiva, ou seja, ocorre pelo teste de hipóteses pré-definidas. As hipóteses são definidas com base no conhecimento teórico do pesquisador, sua opinião, intuição, imaginação e no senso comum – jamais em experiências vividas, que seguiria a lógica indutiva. Por não considerar as experiências vividas, esse processo de criação envolve uma intensa reflexão do pesquisador com suas ideias, conhecimento teórico e o fenômeno estudado. Para Popper (2008), o campo das ideias, ou seja, o campo da metafísica está diretamente relacionado à origem das hipóteses científicas.

Uma vez que pesquisador definiu as hipóteses que explicam o fenômeno, ele deve ir a campo testá-las. Se o teste empírico falsear a hipótese pré-definida, o pesquisador deverá reavaliar o processo de pesquisa e desenvolver novas hipóteses. Por outro lado, se o teste empírico corroborar a hipótese pré-definida, ela é mantida e deverá ser testada por outros pesquisadores, em outros ambientes, sob outras condições, até ser falseada. Na visão Popper (2008), não há hipótese eternamente confirmada, apenas temporariamente não refutada – mesmo as teorias com grande conteúdo, que são altamente refutáveis por terem resistido a vários testes em condições diferentes, deverão ser falseadas no futuro.

Baseado nessa ideia de que todas as hipóteses científicas estão sujeitas à refutação, Popper (2008) propôs um critério de demarcação – ou seja, de distinção – entre o conhecimento científico e o metafísico: a falseabilidade. Para o autor, a diferença entre a ciência e a metafísica é que a ciência pode ser refutada em experiências empíricas e a metafísica não. Assim, por mais que algumas teorias científicas resistam à vários testes e pareçam irrefutáveis, elas são científicas porque podem ser testadas empiricamente e, em algum momento, falseadas. Esses são os princípios básicos da lógica científica de Popper (2008): o uso do método hipotético-dedutivo e o critério de demarcação da falseabilidade.

À pedido do Congresso de Sociólogos Alemães, Popper (1978) escreveu, em 1961, “A lógica das ciências sociais” – um documento que explica em 27 teses como o Racionalismo Crítico se adequa ao campo das ciências sociais. Como a Teoria Fundamentada é um método das ciências sociais, discutir essas teses é essencial para compreender o que Popper diria sobre o método. Para este ensaio não ficar muito extenso, discutiremos apenas as teses que têm relevância para o objetivo proposto.

A quarta tese de Popper (1978) defende que o conhecimento das ciências sociais não surge de observações (lógica indutiva), mas sim de problemas. Para ele, a única situação em que a observação será o ponto de partida do conhecimento é quando ela revelar um problema que conflita com certas expectativas do pesquisador – é importante destacar que isso não foge da lógica do racionalismo crítico, já que, pela lógica indutiva, a observação revelaria a solução e não o problema. Na sexta tese, ele reitera o uso do método dedutivo e do critério da falseabilidade: “o método das ciências sociais [...] consiste em experimentar possíveis soluções para certos problemas [...] as soluções são propostas e criticadas” (p. 16) – no caso, a crítica equivale ao teste empírico.

A sétima tese critica o uso das abordagens naturalista e cientificista nas ciências sociais. O naturalismo estabelece: iniciar com observações e medidas, prossegue pela indução à generalizações e finaliza com a formação de teorias. Segundo Popper (2008), os pesquisadores que acreditam que, seguindo esse caminho, estão se aproximando do ideal de objetividade científica estão enganados, e afirma: “qualquer uma destas teses que se atribui a este naturalismo equivocado está, em minha opinião, totalmente errada. Todas essas teses são baseadas em uma má compreensão dos métodos das ciências naturais [...]” (p. 17-18).

As décima-primeira, décima-segunda e décima-quarta teses de Popper (1978) discutem o ideal da objetividade científica. Para o autor, é um erro admitir que a objetividade depende apenas de um cientista. A objetividade seria fruto de um esforço social e político que permite que os pesquisadores questionem os seus resultados. Popper (1978) ainda defende

que a ciência pura é inalcançável. Assim, ao invés dessa pureza, ele defende o uso do critério do criticismo científico. Por esse critério, o pesquisador deve lutar com os “interesses que não pertencem à pesquisa para a verdade” (p. 24), os interesses extra-científicos.

Por fim, as vigésima-quinta, vigésima-sexta e vigésima-sétima teses defendem o uso da lógica situacional nas ciências sociais. A lógica situacional desconsidera todos os elementos psicológicos (como desejos, motivos, lembranças e associações) da ação do homem. Ao invés disso, considera que a toda ação é racional e busca atingir objetivos específicos. Vista dessa forma, a ação do homem pode ser esquematizada e compreendida de forma objetiva. Por essa razão, considera a lógica situacional um método puramente objetivo das ciências sociais.

3.2 A DIALÉTICA DE THEODOR ADORNO

Theodor Adorno nasceu em 1903 e morreu em 1969, em Frankfurt na Alemanha. Durante sua trajetória, ele escreveu acerca de diversas temáticas como: música, Teoria Crítica, dialética, indústria cultural, arte e estética, e metafísica (FARIA; MENEGHETTI, 2011; GANEM, 2012). As ideias de Adorno estão diretamente relacionadas à visão da Escola de Frankfurt, da qual foi um dos principais membros. A Escola de Frankfurt ficou conhecida pela sua tradição marxista e por seu pensamento crítico e reflexivo sobre os aspectos do capitalismo, da sociedade e da cultura do século 20 (FERREIRA, 2008; GANEM, 2012).

Ao contrário de Popper (2008), Adorno não propõe uma lógica científica ou um método de pesquisa. Ao invés disso, suas ideias buscam estimular um pensamento crítico à lógica predominante. Uma de suas obras mais influentes, “A Dialética do Esclarecimento”, é exemplo disso. Escrita em coautoria com outro membro da Escola de Frankfurt, Horkheimer, em 1947, a obra critica fortemente a predominância da lógica positivista, afirmando que nela o conhecimento é restrito à repetição e o pensamento se mostra redundante (GANEM, 2012). Para eles, o método dialético é o método crítico ao pensamento positivista. Freitag (1993, p. 48) afirma que a dialética “é um elemento [...] que nunca se contenta com o presente ou com o *status quo*, mas representa o esforço permanente em superar a realidade cotidiana”.

Dois décadas depois, Adorno escreveu outra obra de destaque sobre o seu pensamento crítico: “A Dialética Negativa”. Na obra, ele apresenta um posicionamento de rejeição à toda visão sistêmica e totalizante da sociedade, “de desconfiar de toda e qualquer proposta definitiva para a solução de problemas” (FREITAG, 1993, p. 48). Segundo Faria e Meneghetti (2011) a dialética negativa objetiva impedir que os conceitos se tornem absolutos e dogmáticos, ou seja, que se estabeleçam modelos prontos e formulações totalitárias. Para Adorno (1996, p. 20), “a crítica dialética se propõe a ajudar a salvar ou restaurar o que não está de acordo com a totalidade, o que se lhe opõe [...]” (ADORNO, 1996).

Em 1961, Adorno foi convidado à participar de um debate com Popper promovido pela Escola de Frankfurt. Para tanto, deveria elaborar um documento explicando a fundamentação teórica de suas ideias. Ao invés disso, ele escreveu um artigo contestando as principais teses de Popper e reafirmando que o papel da crítica não é meramente formal, mas material e existencial (FREITAG, 1993; BARRETO, 2001). Durante sua parte no debate, Adorno criticou pontos como: a objetividade extrema; a lógica situacional; a preocupação de Popper que era formal e não material e emancipatória; a predominância da descrição do método lógico; a separação entre valores científicos e extracientíficos, etc (GANEM, 2012).

Adorno não concorda com a comparação entre suas ideias crítica e o princípio da falseabilidade de Popper. Para o autor, diferente do princípio proposto por Popper, a crítica pode gerar uma solução, e, portanto, “não significaria o não-saber social” (BARRETO, 2001). Corroborando a informação, Freitag (1993) elucida que a coincidência dos termos utilizados não permite a aproximação entre as duas posições defendidas no debate. Diferentemente de Popper, Adorno defende que “A crítica passa a ser elemento que permeia todo processo de

conhecimento, [...] suscitando uma atitude de desconfiança face o conhecimento” (FREITAG, 1993, p. 47).

Outro ponto criticado por Adorno no debate é o racionalismo instrumental. O filósofo afirma que este não considera a origem histórica do pensamento, aceita a divisão de trabalho imposta pelo capitalismo, e é regido por leis absolutas e imutáveis (FREITAG, 1993). Maranhão e Motta (2007) comentam que para Adorno o positivismo valoriza a racionalidade instrumental e induz o pesquisador a ajustar suas descobertas ao que é socialmente aceito, razão pela qual o filósofo critica o método positivista e defende a razão emancipatória.

Após o debate, em 1974, é publicado um texto escrito por Adorno antes da sua morte, intitulado de “Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã”, durante o documento o autor deixa clara a diferença entre a dialética e o positivismo. Adorno afirma que o método dialético é dependente do objeto de investigação, o que impede sua apresentação com uma abordagem dedutiva. Já sobre o positivismo, Adorno afirma que esse tem como posicionamento a lógica formal e o cientificismo em que o pensamento segue a objetividade extrema sem considerar o subjetivismo (GANEM, 2012).

Por fim, podemos concluir que as visões de Popper e Adorno acerca da base epistemológica das ciências sociais são distintas, e não era objetivo do debate apresentar uma verdade única e plausível. Para Popper, era necessário a comprovação empírica dos fatos e, para Adorno a construção de teorias está relacionada à emancipação social (MARANHÃO; MOTA, 2007).

4. O QUE DIRIAM POPPER E ADORNO SOBRE O MÉTODO DA TEORIA FUNDAMENTADA?

Esta seção está dividida em duas partes. Na primeira parte, comparamos o Racionalismo Crítico de Popper e com os princípios da Teoria Fundamentada. Na segunda parte, comparamos o pensamento dialético de Adorno com a TF.

4.1 O QUE DIRIA POPPER?

A lógica científica da Teoria Fundamentada (indutiva) não está de acordo com o Racionalismo Crítico de Popper (2008). Para o Racionalismo Crítico (2008, p. 28-29), “o princípio da indução não pode ser uma verdade puramente lógica, tal como uma tautologia ou um enunciado analítico [...] é supérfluo e deve conduzir a incoerências”. Assim, “teorias nunca são empiricamente verificáveis” (p. 41-42). Popper (2008) refuta a lógica indutiva e considera que apenas o princípio da falseabilidade e a lógica hipotético-dedutiva são capazes de gerar hipóteses verdadeiras. Por essa razão, acreditamos que ele não consideraria a TF um método científico das ciências sociais.

Em virtude dessa diferença entre as lógicas, a maior parte do processo da Teoria Fundamentada não está de acordo com o Racionalismo Crítico. O processo da TF começa pela coleta e análise dos dados, prossegue para criação de hipóteses teóricas com base em dados empíricos e finaliza com a formação da teoria. Para Popper (1978, p. 17-18), esse procedimento naturalista está baseado “em uma má compreensão dos métodos das ciências naturais”. Assim, o autor refuta esse procedimento e defende que as hipóteses sejam pré-definidas e que os dados empíricos sejam utilizados para falseá-las. Considerando que o processo da TF é típico da lógica indutiva, acreditamos que Popper o criticaria.

Apesar da diferença entre as lógicas, a origem do conhecimento na Teoria Fundamentada está de acordo com o Racionalismo Crítico. A origem, ou seja, o que gera a pesquisa que adota a TF é um problema que intriga o pesquisador, surgido a partir de uma revisão superficial da literatura, reflexão, observação, etc. (GLASER; STRAUSS, 2006). Conforme a quarta tese de Popper (1978, p. 14), “a ciência, ou o conhecimento, ‘começa’ por algo, [...] começa, mais propriamente, de problemas”. “A observação torna-se algo como um

ponto de partida somente se revelar um problema” (p. 15). Em razão disso, acreditamos que o problema de pesquisa da TF seria considerado científico pelo autor.

O processo de revisão da literatura da Teoria Fundamentada não está de acordo com o Racionalismo Crítico. Na TF, o esgotamento da literatura teórica ocorre no fim do processo de análise. Antes e durante a coleta, o pesquisador deve evitar o envolvimento teórico para garantir a neutralidade dos resultados – Glaser e Strauss (2006) não são claros quanto a essa revisão. Para Popper (1978), o afastamento teórico visando a objetividade é uma tese equivocada. Segundo ele, “existe, por exemplo, a equivocada e errônea abordagem metodológica do naturalismo ou cientificismo [...] declara-se que, através deste caminho, você se aproxima do ideal de objetividade científica, na medida em que isto é possível nas ciências sociais” (p. 17). Acreditamos que Popper criticaria o processo de revisão da TF.

Acreditamos que o processo de revisão da literatura da TF precisa ser repensado. A falta de clareza de Glaser e Strauss (2006) sobre o processo tem levado os pesquisadores a fazerem interpretações erradas e irem à campo com pouca ou nenhuma leitura sobre o tema estudado (SUDDABY, 2005). Popper (1978) também critica o motivo dado pelos autores para adotar essa revisão – garantir a neutralidade dos resultados. Para ele, essa tese está baseada “em um má compreensão dos métodos das ciências naturais” (p.18). Com base nisso, sugerimos que a TF permita o aprofundamento teórico durante toda a pesquisa e adote o criticismo científico sugerido por Popper (1978) para garantir a neutralidade dos resultados.

Os critérios de neutralidade científica da Teoria Fundamentada estão, em parte, de acordo com o Racionalismo Crítico. A TF utiliza o método da comparação constante e a revisão da literatura para garantir a neutralidade dos resultados. Desses dois critérios, o método da comparação constante está de acordo com o criticismo científico de Popper (1978), que defende que o pesquisador deve reconhecer e lutar com seus interesses extra-científicos. Em comum, os dois critérios acreditam que a neutralidade depende de um esforço crítico do pesquisador durante a investigação. Apesar dessa semelhança, a comparação constante se baseia na indução e, por essa razão, acreditamos que seria criticada por Popper.

O modelo conceitual gerado pela Teoria Fundamentada não está de acordo com o Racionalismo Crítico. O produto final da TF é um modelo conceitual quantificável, que pode ser reformulado por outras pesquisas, mas que não pode ser falseado. Segundo Glaser e Strauss (2006), “teorias baseadas em dados usualmente não podem ser completamente refutadas por mais dados ou substituída por outra teoria” (p. 4). Assim, o fato desse modelo não ser falseável e ser construído sob dados empíricos nos leva a crer que ele não seria reconhecido por Popper (2008), já que para ele “a tentativa de alicerçar o princípio de indução na experiência malogra, pois conduz a uma regressão infinita” (p. 29).

4.2 O QUE DIRIA ADORNO?

A TF foi proposta devido à insatisfação de Glaser e Strauss (2006) com os métodos científicos predominantes na época. É possível notar a presença do pensamento crítico e dialético na postura dos dois sociólogos. Eles tinham como propósito a ideia de promover o diálogo com os métodos existentes. Ao adotar essa postura eles demonstraram estar de acordo com os fundamentos da Teoria Crítica e Dialética, pois não se contentaram com o *status quo* da metodologia científica e, a partir da reflexão e diálogo com a realidade existente, criaram um novo método sistemático de coleta e análise de dados (JACOBUS; SOUZA; BITTENCOURT, 2012; FREITAG, 2013).

O objetivo da TF também demonstra afinidade com os fundamentos da Teoria Crítica e Dialética. A intenção de criar um método que permitisse o surgimento ou descoberta de uma nova teoria (STRAUSS; CORBIN, 1998) está diretamente relacionado com o pensamento de Adorno. Na obra “Dialética do Esclarecimento”, os filósofos se opuseram a submissão dos métodos positivistas predominantes na época, e incentivaram a superação da realidade

estabelecida (FREITAG, 1993). Mais tarde, no debate com Popper, Adorno corrobora a ideia e argumenta que o pensamento crítico deve fazer parte de todo o processo de conhecimento, indo além da confirmação ou falseabilidade de uma hipótese explicativa (GANEM, 2012).

Outro aspecto em comum entre o pensamento de Adorno e a TF é a geração de uma teoria substantiva. Essa não tem intenção de realizar declarações generalistas, mas observar como as interações sociais resultam na realidade de um local específico (SUDDABY, 2006; SAMPIERI; COLLADO, LUCIO, 2014). Essa característica da TF está em conformidade com a rejeição da visão sistemática e totalizante da sociedade proposta na obra “Dialética Negativa”, que rejeita a adoção de conceitos absolutos e dogmáticos que não respeitam as diversidades e contradições do objeto (FREITAG, 1993; GOMES, 2010).

No que se refere às três características fundamentais da TF, é notável que a primeira característica da TF (rejeição de hipóteses) é em parte semelhante ao pensamento dialético. Não encontramos registros de impressões do método dialético sobre a questão de o pesquisador ir a campo apenas com uma noção geral do problema e metodologia da pesquisa, e depois ir aprofundando ao longo do processo de pesquisa. Apesar disso, entendemos que essa característica da TF se assemelha à Dialética quando encoraja o pesquisador a rejeitar o teste de hipóteses, a fim de que ele possa estar aberto a possíveis novas informações emergentes durante a investigação (CRESWELL, 2014; FREITAG, 1993).

A segunda característica da TF (a participação e sensibilidade do pesquisador em campo) está de acordo com o pensamento dialético. Esse pensamento é contra a objetividade extrema que separa os valores científicos e extra-científicos e inibe o subjetivismo, ou seja, impede uma maior participação do pesquisador durante a investigação (GANEM, 2012). Quanto à terceira característica, os procedimentos sistemáticos de coleta e análise de dados definidos por Glaser e Strauss vão de encontro à ideia da Dialética. Na réplica à Popper, Adorno criticou o papel predominante do método no processo de geração do conhecimento, que induz o pesquisador a ajustar as descobertas ao que é socialmente oportuno (GANEM, 2012).

Quanto às novas abordagens, a postura interpretativista de Glaser se assemelha à ideia da Dialética. Ao defender uma abordagem focada no processo criativo e no aprofundamento do pesquisador nos dados a fim de gerar novas teorias (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2014), Glaser segue a lógica da Teoria Crítica e Dialética. Por sua vez, Strauss ao desenvolver uma abordagem mais “positivista”, que segundo Charmaz (2006) é voltada para verificação de teorias, vai contra a Teoria Crítica e a Dialética que não concordam com o racionalismo instrumental e com a predominância do método na pesquisa, que induzem o pesquisador a produzir o que é socialmente aceito e não geram o pensamento crítico (MARANHÃO; MOTA, 2007). Sobre a visão construtivista da TF proposta por Charmaz (2006), percebemos que a autora propôs a partir de uma análise crítica uma nova forma para a realização da TF, defendendo a valorização a subjetividade do pesquisador e criticando o excesso descritivo dos procedimentos metodológicos. Ao fazer essa proposição a autora parece concordar e seguir os fundamentos básicos da Teoria Dialética.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados apresentados, acreditamos que Popper reconheceria apenas o problema de pesquisa da Teoria Fundamentada como científico. O restante do método seria tratado como uma “equivocada e errônea abordagem metodológica” (POPPER, 1978, p. 17). Ele também criticaria a replicação do modelo teórico criado pela TF em outras pesquisas, acreditando que o seu resultado “conduziria a uma regressão infinita” (POPPER, 2008, p. 29). Por fim, ele sugeriria o uso da lógica situacional para investigar os problemas de pesquisa da TF, afirmando que essa lógica “possui um conteúdo verdadeiro considerável e podem, no sentido estritamente lógico, ser boa aproximação da verdade [...]” (POPPER, 1978, p. 32).

Quanto à Adorno, acreditamos que ele apoiaria alguns elementos metodológicos da TF, como a aplicação do pensamento crítico durante todo o processo de pesquisa e a criação de teorias que explicam fenômenos de locais específicos (não generalização dos resultados), que mostram semelhanças com a lógica dialética. Todavia, no que se refere à abordagem positivista da TF de Strauss, acreditamos que Adorno criticaria a sistematização exagerada da coleta e análise de dados. Tais informações nos levam a crer que Adorno estaria mais propenso a apoiar as abordagens desenvolvidas por Glaser e Charmaz e rejeitar a postura “positivista” de Strauss.

As presentes conclusões corroboram o que ocorreu no debate organizado pela Escola de Frankfurt, em 1961. Esse ficou conhecido por ser um confronto entre duas lógicas distintas, o positivismo e a dialética. De forma análoga, durante este ensaio, comparando os pensamentos dos dois filósofos com a TF, ficou clara, mais uma vez, a incompatibilidade dos posicionamentos epistemológicos defendidos.

Para pesquisas futuras, sugerimos: verificar se os estudos empíricos que utilizaram a Teoria Fundamentada cumprem os critérios estabelecidos por Glaser e Strauss (2006); identificar os efeitos de entrar em campo com um problema de pesquisa geral – pouco definido; identificar os efeitos da revisão da literatura superficial no início da pesquisa; e investigar como critérios de validade e confiabilidade da pesquisa qualitativa se adaptam à TF.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã. In: **Coleção Os Pensadores**. São Paulo, SP: Editora nova cultural, 1996.

BARRETO, Túlio Velho. Positivismo *versus* Teoria Crítica: em torno do debate entre Karl Popper e Theodor Adorno acerca do método das ciências sociais. **Textos para discussão**, n.106, 2001.

COLEÇÃO OS PENSADORES. Vida e Obra. In: **Coleção Os Pensadores**. São Paulo, SP: Editora nova cultural, 1996.

CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada**: guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Porto Alegre: Penso, 2014.

FARIA, J. H.; MENEGHETTI, F. K. Dialética negativa e a tradição epistemológica nos estudos organizacionais. **Organizações e Sociedade**, v.18, n.56, p.119-137, 2011.

FERREIRA, W. Uma análise revisionista de Adorno e Horkheimer em “A Dialética do Esclarecimento”. **CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n.2, v.5, p.332-336, 2008.

FLICK, U. **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAG, Barbara. **A teoria crítica**: ontem e hoje. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

GANEM, Ângela. Karl Popper versus Theodor Adorno: lições de um confronto histórico. **Revista de Economia Política**, v.32, n.1, p.87-108, 2012.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. **The discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research**. New Brunswick (U.S.A.): Aldine transaction, 2006.

GODOI, C.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GOMES, L. R. Teoria crítica e educação política em Theodor Adorno. **Revista HISTEDBR On-line**, n.39, p.286-296, 2010.

GOULDING, C. Grounded theory, ethnography and phenomenology: a comparative analysis os three qualitative strategies for marketing research, **European Journal of Marketing**, v. 39, n. 3, p. 294-308, 2005.

HAIG, B. D. Grounded theory as scientific method. **Philosophy of education**, 1995.

JACOBUS, A.; SOUZA, Y.; BITENCOURT, C. O que fazem afinal os pesquisadores que praticam grounded theory? In. EnANPAD – Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 36, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2012.

MARANHÃO, C. M. S. A.; MOTTA, F. M. V. O enigma da esfinge: a postura problematizadora na pesquisa em administração. In: EnEPQ – Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração, 1, Recife. **Anais...** Recife, 2007.

MJOSET, L. Can Grounded Theory solve the problems of its critics? **Sociologisk tidsskrift**, v.13, p.379-408, 2005.

POPPER, K. R. **A lógica das ciências sociais**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1978.

_____. **A lógica da pesquisa científica**. ed. 5. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5.ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

SUDDABY, R. **From the editors: what grounded theory is not**. Academy of management journal, v.49, n.4, p.633-642, 2006.